

Moisés Olímpio-Ferreira (org.)
Delcides Marques
Elcio Valmiro Sales de Mendonça
Jorge Viana de Moraes
Marcelo da Silva Carneiro

EPÍSTOLA DE JUDAS

Perspectivas paleográfica, histórico-literária,
linguística, antropológica e filosófica



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

SUMÁRIO

Apresentação 7

Prefácio 9

1. O contexto histórico e literário de Judas 17

Marcelo da Silva Carneiro

2. Paleografia de manuscritos gregos dos séculos III-V
da epístola de Judas 43

Elcio Valmiro Sales de Mendonça

3. Epístola de Judas: proposta de tradução linear
comentada 85

Moisés Olímpio-Ferreira

4. Por uma antropologia da tradução 161

Delcides Marques

5. A epístola de Judas: uma leitura sob a chave do pragmatismo
americano e da filosofia analítica ou como o imperativo
categórico de Kant não pode ser absoluto 181

Jorge Viana de Moraes

Sobre os autores 219

APRESENTAÇÃO

A presente obra coletiva pretende contribuir para a diminuição da carência dos estudos relativos à breve – e frequentemente subestimada – *Epístola de Judas*. A importância desta publicação, entretanto, não se limita a oferecer ao leitor alguma orientação interpretativa de fundo puramente teológico, mas se ocupa também do gênero textual da esfera religiosa como fenômeno discursivo socio-historicamente situado, com análises amparadas em ampla investigação científica.

A gênese deste projeto editorial foi a decisão de apresentar aos autores-convidados uma tradução comentada da *Epístola*, que foi assumida como “tradução de trabalho” em que todos os capítulos estariam fundamentados, sempre com abertura a ratificações e críticas. Desse pontapé inicial, em abordagem colaborativa, desenvolveram-se as pesquisas individuais, sem, todavia, perder de vista a conexão com o conjunto, que reflete tanto a pluralidade das abordagens quanto a unidade proporcionada pelo diálogo entre os autores.

O leitor perceberá que não há a intenção de apresentar um quadro informativo fechado, único, encerrado, nem quanto ao conteúdo, nem quanto às condições concretas de produção da

Epístola, justamente porque a sua própria estrutura não constitui um panorama unívoco. Pelo contrário, reconhecemos a complexidade que lhe é inerente, tendo em vista que as generalizações são muitas, as incertezas e as lacunas são frequentes, as relações entre destinador e destinatários não estão claras etc., o que desafia as interpretações unânimes. Por vezes, optou-se por questionamentos e hipóteses, sem oferecer solução dogmática para a intenção comunicativa.

Essa postura vai ao encontro do respeito à Epístola em toda a sua diversidade, indeterminações, vaguezas e plurivalências de sentido, tal qual foi produzida e, possivelmente, planejada. De fato, o seu conteúdo tão singular, convida-nos a uma leitura que acolha a sua incompletude como parte de sua riqueza. Nesse sentido, nossa proposta caminha na direção de uma abordagem crítica e reflexiva, que valoriza as nuances do texto e que amplia o horizonte interpretativo.

O livro reúne contribuições de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, todos docentes de instituições brasileiras de ensino superior, cujas trajetórias acadêmicas garantem a seriedade e a profundidade das análises. Todos trouxeram perspectivas distintas – teológicas, linguísticas, históricas, filosóficas, literárias, paleográficas – que enriqueceram o diálogo multidisciplinar que norteou o projeto.

Por fim, confiamos ao leitor a responsabilidade de avaliar a relevância das reflexões aqui apresentadas, na esperança de que esta publicação inspire novas investigações que explorem e valorizem o rico potencial interpretativo e discursivo dos textos religiosos.

Moisés Olímpio-Ferreira
Organizador

PREFÁCIO

É com alegria que redijo o prefácio desta coletânea de artigos sobre a Carta/Epístola de Judas. Isso porque a Carta tem sido, até a atualidade, pouco explorada na pesquisa quanto a sua teologia e mensagem. As razões para esse fato são várias. Ela é uma carta bastante curta, compreendendo só 25 versículos. Sua relação com 2 Pedro é até hoje ainda objeto de controvérsias, pois há muitos versículos semelhantes e parcialmente coincidentes em ambas as cartas (cf. Ju. 4-13,16-18 com 2 Pe. 1.1-18; 3.2-3): há quem afirme que Judas fez uso literário de 2 Pedro, mas também há quem o conteste, pretendendo provar o contrário; outros ainda são da opinião de que Judas e 2 Pedro poderiam ter usado uma fonte comum não mais conhecida – e terem sido concebidas como circular para o combate de heresias –, à semelhança de Mateus e Lucas, que se serviram de uma provável fonte de ditos (fonte Q) comum, mas cada qual a sua maneira. Outra razão pelo parcial desinteresse na pesquisa é a falta de polêmica teológica que traga argumentos e razões de fé (exemplos: 1 Co. 6.12-20; 11.17-34 etc.) para o combate concreto da heresia visada: a Carta contenta-se mais em arrolar julgamentos punitivos de Deus como ameaça aos oponentes visados do que propriamente explicar por que aquilo que pensam e praticam é errado. A própria fé, na qual é preciso se edificar (v. 20) e pela qual a comunidade é exortada a batalhar (v. 3), não vem bem

definida ou explicada na carta! Também há incertezas quanto aos endereçados: quem seriam os “amados em Deus Pai” e “guardados em Jesus Cristo” (1.1)? Trata-se de comunidade(s) específica(s), ou o escrito foi pensado originalmente como carta circular para comunidades diversas sob o perigo das heresias? Por fim, entre outras razões que ainda poderiam ser arroladas, há também incertezas quanto ao grau mais exato de influências da literatura judaica não canônica e apocalíptica na Carta: propõem-se, entre outras, influências do Testamento de Naftali no v. 6, do Testamento de Aser no v. 8, da Assunção de Moisés no v. 9, de Enoque 40.8 e 1.9 nos v. 14-15 etc. As dúvidas decorrem do fato de que episódios como os narrados entre os v. 5-7, *e.g.*, são comentados por uma série de escritos judaicos anteriores e posteriores ao início da era cristã, sem que seja possível ter certeza quanto ao conhecimento e uso ou não de tais fontes pelo autor de Judas.

Não obstante todas essas incertezas e dificuldades, os autores da iniciativa de uma coletânea de artigos sobre Judas entenderam que valeria a pena reiniciar uma abordagem dessa Carta tão olvidada, e isso por uma razão óbvia: ela não teria entrado no cânone se não fosse de importância para o testemunho sobre Jesus. E, de fato, não são poucos os teólogos e exegetas que se expressam e expressaram nesse sentido. Teologicamente, em rápidos traços, poderia ser destacado, entre outras coisas, o seguinte:

a. O indicativo da fé encontra-se bem preservado em Judas, pois os crentes podem considerar-se amados “em/por Deus Pai” (v. 1 e 21), guardados em Jesus (v. 1), vivendo sob a graça de Deus (v. 4) e podendo contar no presente e futuro com a misericórdia de Deus para suas vidas (v. 21). Que a salvação procede exclusivamente de Deus é reafirmado mais uma vez no v. 24: é Ele que dá aos crentes o poder para que se guardem de tropeços e que assegura apresentá-los imaculados diante de sua futura glória.

b. O imperativo da fé desdobra-se em três direções dentro da Carta. A primeira delas é *em relação aos oponentes*. Contra eles são arrolados vários juízos já perpetrados por Deus contra

adversários diversos em textos do AT e da apocalíptica judaica (v. 5-7, 11, 14-15). Judas quer dizer: assim como outrora Deus castigou rebeldes ou prometeu juízo contra eles, assim também hão de ser punidos os que na atualidade pecam contra Deus. A Carta explica seus pecados: a fé na graça, que deveria provocar o amor, é usada para efeitos de libertinagem /licenciosidade (*asélgeia*) (v. 4). Essa libertinagem, segundo W. Barclay, *Begriffe des Neuen Testaments*, 1966, p. 39s, engloba o âmbito sexual (cf. Rm. 13.13; 2 Co. 12.21), mas não se restringe a ele, abarcando toda sorte de permissividades que indivíduos se arrogam no direito de ter:

Asélgeia reproduz um estado de pecaminosidade, no qual a pessoa não faz mais nenhuma tentativa para encobrir ou disfarçar o pecado: ela é pecado sem vergonha... Para uma pessoa que vive em *asélgeia*, tornou-se sem importância o que os outros falam ou pensam a respeito (Ef. 4.19 [tradução nossa]).

Asélgeia caracteriza-se, por isso mesmo, pelo despudor, descaramento e indecoro. Ela era explorada nos ágapes cristãos, em que parece ter havido total falta de recato (v. 12; cf. 2 Pe. 2.13-14), mas podia manifestar-se também por meio de murmuração, descontentamento, falas arrogantes, bajulação e palavreado lisonjeiro ou mesmo em comportamentos interesseiros (v. 16). Outra crítica feita aos oponentes é em virtude de sua negação da soberania e senhorio (*kyriótes*) de Jesus e de suas blasfêmias contra as “glórias” (*dóxai*), uma provável referência a anjos (v. 8); uma parcial relativização do poder dos anjos já havia sido feita também por Paulo em 1 Co. 6.3; Rm. 8.38s e em Cl. 2.18. Não é impossível que essa negação e blasfêmia tenham advindo de um entendimento de salvação já realizada, que acreditava ter sido a ressurreição já ocorrida (cf. Cl. 2.12s; Ef. 2.4-7) e que, portanto, os cristãos, agora regidos pelo Espírito (v. 19), não estivessem mais sujeitos a principados, potestades, poderes ou domínios (Ef. 1.21), também não ao costumeiro domínio de Cristo como senhor escatológico do juízo

e a uma futura segunda vinda sua. Esse entendimento de salvação presente é contraposto em Judas a uma salvação que aguarda a misericórdia plena de Deus só para o futuro (v. 21, 24); Judas assume, pois, uma postura crítica semelhante à referida em 2 Tm. 2.18.

Em segundo lugar, o imperativo da fé é *em relação à(s) comunidade(s) endereçada(s)* da Carta. O que recomenda a Carta para os membros da comunidade endereçada? A rigor são três as recomendações: (1) Edificar-se e batalhar pela fé recebida (v. 3, 20); (2) orar no Espírito Santo (v. 20), e (3) preservar-se no amor de Deus (v. 21). Essa última recomendação referente à guarda do amor de Deus na vida dos crentes já havia sido sinalizada nos vv. 1-2. Ela seguramente é acentuada na Carta em contraposição à vivência da libertinagem/*aselgeia* pelos oponentes. Não é por menos que também em Corinto, onde certos cristãos achavam que tudo lhes era permitido, o apóstolo Paulo acentua a necessidade e prática do amor (1 Co. 13), pois – como assevera Paulo – onde tudo é permitido, nem tudo convém (1 Co. 6.12; 10.23).

Em terceiro e último lugar, o imperativo da fé compreende *sugestões para que os cristãos tenham determinados comportamentos em relação àquelas pessoas que na comunidade se encontram no perigo de aderir aos falsos mestres e pregadores infiltrados*. Se optarmos pelo texto dos vv. 22-23 de três cláusulas, proposto por Nestle-Aland, as recomendações seriam as seguintes para os cristãos de boa fé: (1) compadecer-se (*eleâte*) daqueles que estão em dúvida; (2) salvar outros, arrancando-os do fogo; nesse caso, com “fogo” talvez Judas esteja querendo se referir “à paixão da lascívia à qual os falsos mestres se entregaram [...]” ou ao “fogo do juízo do qual serão passíveis se não forem levados a uma atitude melhor” (M. /Green, II Pedro e Judas, 1983, p. 180), e (3) compadecer-se (*eleâte*) de outros em temor, detestando até a roupa contaminada pela carne. Duas coisas chamam a atenção: A primeira é a importância conferida à misericórdia/compaixão (*éleos/eleéo*) no trato das pessoas em perigo de aderir à heresia combatida. Não pode haver dúvidas: o tratamento dos hesitantes com compaixão e não com arrogância ou desprezo advém do fato de os cristãos terem sido e esperarem

ser tratados exatamente da mesma forma por Deus no futuro (cf. v. 1 e 21); essa mesma sensibilidade transparece, aliás, também no v. 9. A segunda coisa que chama a atenção é o cuidado (*em temor*) e o distanciamento preventivo (afastar-se até mesmo das roupas contaminadas) que a terceira recomendação encerra: se não for assim, ou o cristão não será levado a sério, ou ele mesmo virará refém fácil daquilo que pretende afastar.

c. Este breve apanhado do indicativo e imperativo propostos pela carta vem acompanhado – como já referido – de uma pregação avassaladora do juízo de Deus para aqueles que, dissimulados, haviam se introduzido na(s) comunidade(s) com ética e doutrinas desrespeitosas para com o senhorio amoroso, mas comprometedor do reinado de Jesus (v. 5-7, 14-15). Assim sendo, a Carta mostra – é verdade – uma clara sensibilidade pastoral para com os cristãos sob o perigo da influência dos hereges (v. 22-23), mas nenhuma concessão de graça ou misericórdia ou segunda chance para os falsos oponentes. Essa pregação contundente de juízo é notória e com certeza deveria ser objeto de avaliação e melhor análise para eventuais atualizações da Carta.

A coletânea de artigos arrolados na presente publicação é composta por cinco trabalhos que abordam aspectos diversos da Carta de Judas. Questões teológicas e éticas também entram em discussão nos cinco capítulos, embora de maneira mais pontual, já que cada um deles trata de temáticas restritas e específicas, podendo ser resumidos como segue:

“O contexto histórico e literário de Judas”, de MARCELO DA SILVA CARNEIRO. Trabalhando com o princípio da intertextualidade (comparação com textos semelhantes de determinadas épocas), o autor conclui como possível datação para a epístola o período entre 90 e 125 d.C. e, considerando as dificuldades relacionadas com uma eventual autoria de Judas, um dos irmãos de Jesus, qualifica-a como pseudonímica: “[...] alguém ligado ao círculo apostólico a escreveu, assumindo o nome de líder ligado diretamente a Jesus e a Tiago”.

Como local de origem, pensa “na Ásia Menor e seus espaços de fronteira entre o mundo ocidental e oriental”, ou seja, “foi escrito para uma região mais ampla, com intenção de ser uma carta circular que propagasse o cuidado que as comunidades deveriam ter com os ensinamentos falsos...”. A intenção primária da carta é polêmica, dirigida contra pessoas que se introduziram sub-repticiamente na comunidade, negando o senhorio de Cristo e vivendo uma ética permissiva de libertinagem (v. 3-4), polêmica aliás semelhante às que já podemos encontrar em textos como Colossenses 2.18; 1 Coríntios 14.37 ou na Epístola de 1 João (cf. em especial 2.18-22 e 4.1-6). Ao final do texto, o autor ainda ressalta a grande influência que Judas aparenta ter da literatura apocalíptica contemporânea, apontando para prováveis referências a 1 Enoque 16.1-2 em Judas 6, 1 Enoque 7.1 e 15.4 em Judas 8, e ao Livro dos Jubileus e Testamento de Arão em Judas 9.

“Paleografia de manuscritos gregos dos séculos III-V da Epístola de Judas”, de ELCIO VALMIRO SALES DE MENDONÇA. O capítulo apresenta inicialmente um detalhado apanhado dos manuscritos que contemplam a Epístola de Judas. A seguir são informados os critérios que costumam nortear a datação dos manuscritos, como a Codicologia e a Paleografia (estuda o tipo de escrita, disposição de palavras, organização do texto etc.). Nesse espaço, o autor também efetua uma interessante transcrição comparativa de quatro manuscritos gregos de toda a epístola. O artigo encerra apresentando algumas discutidas ocorrências de variantes entre o Papiro Bodmer e os códices Sinaítico, Vaticano e Alexandrino, dando a conhecer por último algumas das características dos *nomina sacra/divina* (nomes sagrados/divinos) que aparecem nos manuscritos gregos maiúsculos até o século VIII.

“Epístola de Judas: Proposta de tradução linear comentada” de MOISÉS OLÍMPIO-FERREIRA. O capítulo apresenta uma proposta de tradução linear do texto grego de todos os 25 versículos da Epístola de Judas, considerando tanto morfologia, sintaxe e semântica do

verbo e seus traços, bem como alternativas dos múltiplos sentidos lexicais dos diferentes termos empregados na Epístola. A tradução procurou, dentro do possível, manter as características originais de estilo, gramática e semântica. Ela presta um inestimável subsídio para a análise e interpretação do conteúdo, mostrando como as diferentes opções lexicais podem levar a entendimentos diferenciados, quando não até antagônicos de afirmações e proposições dos diferentes versículos. Em meio a minuciosas e esclarecedoras análises textuais dos diferentes versículos, o autor não deixa de se mostrar consciente das dificuldades de transposição de significados de uma língua para outra, tendo em vista, no caso de Judas, sobretudo “o desconhecimento de inúmeros dados quanto à inter-relação de destinador e destinatários e de seus referentes contextuais”.

“Por uma antropologia da tradução”, de DELCIDES MARQUES. Neste capítulo o autor aborda diferentes dificuldades, propostas e desafios atrelados aos processos de traduções, para que estas consigam galgar o grau de confiabilidade e fidedignidade. Mesmo ciente de que toda tradução é parcialmente refém dos interesses e/ou condicionamentos do tradutor, o objetivo é proporcionar critérios para uma tradução cultural não-etnocêntrica e não-colonizadora, respeitando o quanto possível a gama de diferentes significados semânticos dos termos e expressões, para o que se espera de um tradutor conhecimento linguístico de ponta e honestidade no processo de tradução. O artigo aborda ainda reflexões sobre o aspecto pragmático da linguagem e a possibilidade sempre dada de que tradução vire traição. A tradução concreta, na qual os citados critérios são exemplificados e apurados, é a da própria Epístola de Judas, efetuada em artigo da autoria de Moisés Olímpio-Ferreira.

“A Epístola de Judas: uma leitura sob a chave do pragmatismo americano e da filosofia analítica ou como o imperativo categórico de Kant não pode ser absoluto”, de JORGE VIANA DE MORAES. A principal argumentação deste capítulo baseia-se numa síntese do pensamento de dois dos expoentes do Pragmatismo America-

no, Charles Peirce e Georg Herbert Mead, e pode ser resumida da seguinte forma: o *self*, ou seja, a experiência e o comportamento dos indivíduos, dependem substancialmente do grupo social ao qual pertencem. Em outras palavras: "... pensamento, concepção, crença, atitudes e condutas de um sujeito na sua relação com os demais sujeitos de sua comunidade estão na base da construção de seu self". Daí a importância da carta de Judas não ser endereçada individualmente, mas ao conjunto da(s) comunidade(s) – “Amados”, “Lembro-vos”, “Guardai-vos”, “Compadecerei-vos” etc. –, já que a adesão de certos indivíduos isolados à nova ética e doutrina apregoadas pelos indivíduos infiltrados sub-repticiamente na(s) comunidade(s) poderia condicionar partes ou mesmo o conjunto delas a novos comportamentos ou crenças e, nesse caso, errôneas. O artigo inicia com uma análise de condições gerais da Epístola (estrutura, destinatários, origem, conteúdo, exemplos de punição), seguida de exposições dos pensamentos de Peirce e Mead, e finaliza com uma contraposição entre o imperativo categórico de Kant e sua alternativa na teoria da justiça de John Rawls.

Resumidas acima as cinco contribuições para esta obra sobre a Carta/Epístola de Judas, deixamos ao final nossos melhores votos de uma feliz e proveitosa leitura dos capítulos aqui apresentados, com a esperança de que essa coletânea possa inspirar também outros autores e autoras para novos e atuais estudos pormenorizados da Epístola no seu autêntico propósito de defesa dos fundamentos da fé diante dos perigos de deturpações dos ensinamentos apostólicos.

Uwe Wegner